

Lula pode enfrentar Suplicy numa prévia de 2002

César Felício
De São Paulo

O debate em torno de 2002 já ameaça o clima de trégua dentro do PT, instalação após o bom resultado que o partido obteve na eleição municipal de outubro. A decisão do senador Eduardo Suplicy (PT-SP) de disputar a candidatura à Presidência da República no partido até mesmo contra o líder maior da legenda, Luiz Inácio Lula da Silva, deverá fazer com que pela primeira vez em sua história o PT defina o candidato em uma prévia eleitoral.

Embora Lula não tenha se anunciado como candidato, os líderes do partido vêem o lançamento da sua quarta candidatura como o cenário mais provável, disputando a indicação com Suplicy. Mesmo os que receberam mal a intenção do senador reconhecem que o processo de consulta será inevitável. "Isto é uma lei no PT. Havendo disputa, tem

que ter prévia, paciência", lamentou o deputado José Genoíno Neto (SP), candidato declarado ao governo de São Paulo e, caso Lula não concorra, a primeira opção do seu grupo para a Presidência.

As prévias são uma regra dentro do partido para a escolha de candidatos a governador e prefeito, quando há divisão entre os petistas. Nestes casos, todos os filiados são chamados a optar. Nas três eleições presidenciais disputadas pelo PT, Lula sempre foi escolhido candidato por aclamação, construindo a imagem de ser o grande fator de unidade do partido, o que não haverá desta vez. "Eu vou disputar contra o Lula. Ele próprio me disse que não gostaria que o PT fosse visto como um partido criado apenas para ele", afirmou Suplicy. O presidente do PT, deputado José Dirceu, que é aliado de Lula, não duvida: "Suplicy só desiste de tentar ser candidato se o seu nome não conseguir nenhuma repercussão na sociedade", aposta.

A indefinição em relação a 2002 foi um dos motivos para Dirceu descartar a participação no governo da prefeita eleita de São Paulo, Marta Suplicy, esposa do senador. "Não dava para sair agora e deixar a coordenação do processo da sucessão presidencial", disse o parlamentar. O dirigente sai da presidência do partido em setembro do próximo ano e imagina que as prévias poderão acontecer junto com a eleição do novo presidente do PT. A nova direção da legenda será escolhida pelo voto direto dos filiados, em um processo também inédito na história petista.

Dirceu não só concorda que as prévias são inevitáveis com dois candidatos disputando, como até propõe uma ampliação do processo, permitindo que simpatizantes do PT também votem, como acontece nas eleições primárias dos partidos democrata e republicano nos Estados Unidos.

Apostar na realização de prévias ou primárias para a definição

do candidato é uma das duas certezas sobre 2002 dentro da cúpula petista. A outra é que o vencedor do processo já está definido: o próprio Suplicy reconhece que não irá derrotar Lula, caso haja uma prévia partidária entre os dois. "Acho muito difícil o Lula perder, mas o sentido da minha candidatura é maior, é para defender proposições e dar uma nova dinâmica ao PT", afirmou. A avaliação sobre o que pode significar a primeira contestação a uma candidatura de Lula dentro do partido divide os petistas.

"O Suplicy estará prestando um grande serviço ao partido se disputar a indicação com o Lula. Seria bom para o Lula sair legitimado de um processo de escolha, que mostraria a sua quarta candidatura não como uma questão pessoal, mas sim uma vontade das bases do partido", afirmou o ex-governador do Distrito Federal Cristovam Buarque, um dos presidenciáveis do PT que só entraria em um pro-

cesso para a definição de um candidato, caso concorresse em condições competitivas.

"Por uma questão de foro íntimo, não me sinto confortável em disputar com o Lula. Mas me inscrevo para concorrer caso Lula não seja postulante", disse. O ex-governador de Brasília foi o primeiro a sugerir um processo de escolha aberta do candidato. Ele relaciona as vantagens do sistema: "As prévias oxigenam o partido, dando visibilidade na imprensa a personagens novas, mobiliza a militância, favorece a discussão de propostas e permite que políticos desvinculados das tendências partidárias consigam ganhar sem se apoiar na estrutura interna do PT", disse.

Para José Genoíno, prévias são "um tiro no escuro". "Se o Suplicy disputar contra o Lula, ele será obrigado a construir durante o processo um discurso contra o seu adversário dentro do partido. Mesmo que o Lula tenha mais

de 80% dos votos na prévia, este discurso contrário vai ficar, para ser utilizado pelos outros candidatos durante a campanha eleitoral. Todo gesto na política tem consequência", afirmou. Para Genoíno, "o ideal sempre é o consenso, tanto com o Lula sendo o candidato, como não sendo. O processo tem que passar por ele em qualquer hipótese".

Suplicy não se impressiona com a hipótese de divisão e pensa em um processo mais amplo ainda, em que está embutida a possibilidade de o PT abrir mão de uma candidatura própria à Presidência. "Defendo que todos os partidos de oposição se unam para a escolha de um candidato único, em um processo aberto aos simpatizantes de todos os partidos", sugeriu o senador. "O primeiro colocado, seja ele Lula, eu, Ciro Gomes (PPS) ou Itamar Franco (sem partido), receberia o apoio dos demais. O segundo colocado poderia ser o vice na chapa", propôs.